

O REINADO DE GALIENO DE ACORDO COM AURÉLIO VÍTOR: COMENTÁRIO E TRADUÇÃO

Moisés Antikeira*

* Universidade
Estadual do Oeste do
Paraná.

RESUMO: Este trabalho divide-se em duas pequenas partes. A primeira apresenta um comentário pontual sobre o motivo pelo qual Aurélio Vítor, historiador do século IV, retratou o imperador Galieno (253-268) como se o reinado daquele sintetizasse a crise do século III. A segunda parte contempla uma tradução do capítulo 33 do texto latino de Aurélio Vítor.

PALAVRAS-CHAVE: Aurélio Vítor; Galieno; Senado romano.

*AURELIUS VICTOR ON THE REIGN OF GALLIENUS:
COMMENTARY AND TRANSLATION*

ABSTRACT: This paper splits into two brief parts. The first one presents a concise commentary on the reason why the fourth-century historian Aurelius Victor depicted the reign of the emperor Gallienus (253-268) as if it were a summary of the crisis of the third century. The second one contains a complete translation for the 33rd chapter of the Latin text written by Aurelius Victor.

KEYWORDS: Aurelius Victor; Gallienus; Roman Senate.

O reinado de Galieno corresponde a um período crucial em meio à chamada “crise do século III”.¹ Do ponto de vista político, por exemplo, os acontecimentos que se desenrolaram naquela época tornaram nítidas as contradições inerentes ao sistema do Principado, em que o imperador, projetado na posição de

¹ Sigo aqui a proposta formulada por Lukas de Blois (2002, p. 17; 2006, p. 26) de que houve, de fato, um processo de crise que perpassou o Império romano entre as décadas de 250 e 280 e, em especial, por volta do ano 260, envolvendo basicamente as províncias diretamente atingidas por conflitos militares, bem como nas áreas imediatamente subjacentes a elas; tamanha crise, todavia, resultou em transformações concernentes às estruturas imperiais como um todo. Ora, é a partir de 260 que Galieno passaria a governar o Estado romano na condição de único imperador “legítimo”, após a captura e morte de seu pai, Valeriano, por parte dos persas sassânidas.

primus inter pares, haveria de se cercar de outros aristocratas cujo *status* social ultrapassava, e muito, a efetiva capacidade administrativa de que dispunham.² Diante de um cenário de crise política e militar, Galieno promoveu um conjunto de alterações institucionais que pavimentou a ascensão sociopolítica de grupos alheios às tradicionais famílias senatoriais, mas dotados dos predicados marciais necessários à manutenção das estruturas do Estado imperial (De Blois, 1976, p. 206). Desta forma, o soberano “empregou homens de nível equestre em um grau muito maior do que [Septímio] Severo [193-211] havia feito”, destinando-os para o exercício de ofícios que, até então, concentravam-se quase que exclusivamente nas mãos dos senadores, como era o caso dos cargos de comando no exército romano (Southern, 2001, p. 91).

A agudização dessas tensões políticas, cujas origens remetiam ao sistema político desenvolvido ao tempo de Augusto, configura um dos processos mais significativos da época de Galieno. Entretanto, apesar de relativamente longo – ainda mais se levarmos em consideração a instabilidade política vigente nos meados do século III e a consequente rápida sucessão imperial –, o reinado de Galieno não dispõe de um número elevado de evidências literárias. Parcela considerável das narrativas coetâneas ao período chegaram até nós em estado lacunar e fragmentário (caso das obras de Déxipo de Atenas). A memória histórica predominante a respeito de Galieno o retrata como um “mau imperador”, a partir de uma taxonomia comum à escrita da história na era imperial, em grande medida fruto da atividade intelectual levada a cabo por membros da aristocracia senatorial ou por indivíduos a ela vinculados (Roman, 2001, p. 481; 484). Por meio de uma abordagem antinômica, as representações literárias a respeito do “bom *princeps*” eram articuladas aos governantes que, ao menos em aparência, oferecessem reiteradas manifestações de respeito às práticas republicanas e, portanto, se revelassem deferentes perante o Senado. O “mau imperador”, o “tirano”, pelo contrário, se comportaria à revelia de tais convenções e expectativas sociais (van Haereren, 2008, p. 147).

Cabe destacar, pois, que essa representação negativa acerca de Galieno foi formatada, notadamente, pela tradição historiográfica latina pagã do século IV; o mesmo, contudo, não se verifica em autores de língua grega, como o já citado Déxipo de Atenas e, posteriormente, Zósimo (fins do século V). Igualmente, historiadores eclesiais como Eusebio de Cesareia matizam largamente a imagem depreciativa associada a Galieno. Sendo assim, ao lado de Eutrópio e do autor anônimo da *História Augusta*, Aurélio Vítor pode ser considerado um dos responsáveis pela difusão desse ponto de vista demasiado crítico. Sua breve narrativa

² A essência do poder imperial, nos dizeres de Norma M. Mendes (2006, p. 43), fundamentava-se sobre uma “ficção político-jurídica”: a partir de Augusto (27 a.C.-14 d.C.), temos um regime monárquico construído sob a faceta de uma restauração republicana. Isto implicava uma situação paradoxal, na qual o poder autocrático sustentar-se-ia na medida em que se legitimasse ao se remeter às tradições republicanas. Nestes termos, a manutenção da *res publica* sob a égide dos Césares envolvia a preservação das hierarquias sociais que asseguravam a proeminência da aristocracia senatorial e, logo, a concessão de poderes ao Senado que derivavam da “constituição” republicana. Para tanto, ver Aloys Winterling (2012, p. 10-11).

histórica, escrita entre os anos de 360-361,³ transmite um panorama referente à época de Galieno que teria sido produzido por grupos pertencentes ou ligados às famílias que integravam o Senado da cidade de Roma, especialmente aquelas que dispunham de longa linhagem. Compete perguntar, pois, por qual motivo os círculos senatoriais romanos haveriam de veicular uma representação negativa acerca de um imperador falecido há décadas. A resposta, ao que parece, reside no fato de que, a partir de algum momento entre 260 e 262, os principais postos de comando no interior do exército imperial deixariam de ser ocupados por membros do Senado romano, cedendo espaço aos integrantes da ordem equestre, em particular aos centuriões e oficiais militares provenientes das regiões ilíricas, habituados que estavam ao dia a dia das atividades bélicas (Antiqueira, 2011, p. 130).

E foi justamente Aurélio Vítor o único autor a asseverar que tal processo teria sido o resultado de uma proibição legal promulgada por Galieno (Aur. Vict. 33.34; 37.5). A despeito da facticidade ou não dessa medida, fato é que a quantidade de senadores no exercício dos comandos militares sofreria diminuição a partir do começo dos anos 260 (Antiqueira, 2011, p. 132).⁴ Por mais que tais alterações já se observassem em épocas anteriores – à guisa de ilustração, Septímio Severo ordenou a criação de três novas legiões que haveriam de ser comandadas por prefeitos de nível equestre⁵ – a obra de Aurélio Vítor as vinculou ao nome de Galieno e a um eventual instrumento jurídico, acerca do qual não há evidência alguma no interior das numerosas codificações do direito romano elaboradas durante a Antiguidade Tardia.

³ O relato de Aurélio Vítor inicia-se com uma menção oblíqua à Batalha de Ácio (Aur. Vict. 1.1) e se prolonga até o vigésimo terceiro ano do reinado de Constâncio II (337-361) (cf. Aur. Vict. 42.20). A expressão *De Caesaribus* (“Sobre os Césares”), com a qual a obra é costumeiramente intitulada, foi tecida pelo filólogo Franz Pichlmayr na última década dos Oitocentos (Ando, 1995); os únicos dois manuscritos que transmitiram diretamente o texto – a saber, o *Oxonienensis* e o *Bruxellensis* ou *Pulmannianus*, ambos confeccionados no século XV – comportam, no entanto, a seguinte entrada: “Histórias abreviadas de Aurélio Vítor (*Aurelii Victoris Historiae abbreviatae*), desde Otávio Augusto, isto é, a partir do final de Tito Lívio, até o décimo consulado de Constâncio Augusto e o terceiro de Juliano César” (cf. D’Elia, 1965, p. 16; 61).

⁴ Pierre Cosme (2007, p. 108-109) demonstra de que modo o aumento das unidades de cavalaria no exército romano durante o governo de Galieno favorecia os habitantes das províncias danubianas e balcânicas: tratava-se de indivíduos bastante familiarizados com o combate a cavalo, ao contrário dos senadores, habituados que estavam às táticas de infantaria. Sob Galieno, ampliaram-se os efetivos da cavalaria legionária diante de circunstâncias bastante específicas, caracterizadas pelas simultâneas incursões militares germânicas cuja forma de combate tinha no emprego do cavalo sua marca principal. No entender de Cosme, o desaparecimento dos comandantes senatoriais resulta antes das condições específicas da guerra nos meados do século III do que de uma ação política que objetivasse o enfraquecimento dos senadores.

⁵ De acordo com Yann Le Bohec (1994, p. 25), Galieno promoveu a generalização dessa medida introduzida já à época severiana, meramente abolindo as posições de comando militar que se reservava aos senadores (os postos de legado de legião e de tribuno militar laticlavo) em favor dos prefeitos dos acampamentos, indivíduos que pertenciam à ordem equestre.

Afastar os integrantes do Senado de Roma da esfera militar implicava romper com toda uma tradição quase milenar: afinal, o império do povo romano havia sido construído, desde o final do século V a.C., no rastro do avanço de legiões que eram encabeçadas por senadores. Tratava-se de um elemento pertinente ao *mos maiorum* e, inclusive, algo que figurava dentre os traços que compunham a imagem que os senadores faziam de si mesmos. Um eventual “edito de Galieno”, portanto, atentava contra o “amor próprio” cultivado pelas famílias senatoriais, de modo que a aversão diante da memória de Galieno reverberaria nos séculos posteriores.⁶ Daí que, destaca Jean-Michel Carrié (1999, p. 90-91), autores do século IV como Aurélio Vítor fizessem do século III – em particular, do reinado de Galieno – uma época caracterizada pela infâmia, momento em que se extraíram da ordem senatorial as funções militares que conferiam acesso ao poder imperial. Por conseguinte, a narrativa de Aurélio Vítor oferece um discurso que faz de Galieno o responsável por entregar o poder romano nas mãos dos provinciais, quase “bárbaros”, advindos das áreas banhadas pelo Danúbio (De Blois, 1976, p. 208).⁷

Resulta oportuno, logo, nos voltarmos para Aurélio Vítor e a maneira como sua narrativa, de claro viés moralizante, transformou o reinado de Galieno em uma síntese dos processos de crise vivenciados pelo Império romano nos meados do século III. Para tanto, inserimos abaixo o texto latino do *De Caesaribus* (*Historiae abbreviatae*) como organizado por F. Pichlmayr (1892) e revisto por R. Gruendel (1966) a partir dos dois manuscritos quatrocentistas que contêm a narrativa supérstite de Aurélio Vítor, ao que se segue a tradução por nós realizada.

AUR. VICT. 33 – TEXTO LATINO

Sub idem tempus Licinius Gallienus cum a Gallia Germanos strenue arceret, in Illyricum properans descendit. 2 Ibi Ingenuum, quem curantem Pannonios comperta Valeriani clade imperandi cupido incesserat, Mursiae devicit moxque Regalianum, qui receptis militibus, quos Mursina labes reliquos fecerat, bellum duplicaverat. 3 His prospere ac supra vota cedentibus more hominum secundis solutior rem Romanam quasi naufragio dedit cum Salonino filio, cui honorem Caesaris contulerat, adeo uti Thraciam Gothi libere pergressi Macedonas Achaeosque et Asiae finitima occuparent, Mesopotamiam Parthi, Orienti latrones seu mulier dominaretur, Alemannorum vis tunc aequae Italiam, Francorum gentes direpta Gallia Hispaniam possiderent vastato ac paene direpto Tarracensium oppido, nactisque in tempore navigiis pars in usque Africam

⁶ Michel Christol (2006, p. 117-119) analisa certas evidências epigráficas contemporâneas ao reinado de Galieno, nas quais o imperador era representado como o responsável pela manutenção da sociedade imperial perante as invasões externas que marcaram a história romana no início da década de 260. Tais epígrafes enalteciam os predicados militares de Galieno e o seu papel de protetor do Império, em nítido contraste com aquilo que Aurélio Vítor viria a narrar cem anos depois.

⁷ Cf. Aur. Vict. 37.5-7.

permearet; et amissa trans Istrum, quae Traianus quaesiverat. 4 Ita quasi ventis undique saevientibus parvis maxima ima summis orbe toto miscebantur. 5 Simulque Romam pestilentia grassabatur, quae saepe curis gravioribus atque animi desperatione oritur. 6 Inter haec ipse popinas ganeasque obiens lenonum ac vinariorum amicitii haerebat, expositus Saloninae coniugi atque amori flagitioso filiae Attali Germanorum regis, Pipae nomine; 7 qua causa etiam ciuiles motus longe atrociores orti. 8 Namque primus omnium Postumus, qui forte barbaris per Galliam praesidebat, imperium ereptum ierat; explosaque Germanorum multitudine Laeliani bello excipitur; quo non minus feliciter fuso suorum tumultu periit, quod flagitantibus Mogontiacorum direptiones, quia Laelianum iuverant, abnuisset. 9 Igitur eo occiso Marius, ferri quondam opifex neque etiam tum militiae satis clarus, regnum capit. 10 Proinde cuncta ad extremum reciderant, uti talibus imperia ac virtutem omnium decus ludibrio essent. 11 Hinc denique ioculariter dictam nequaquam mirum videri, si rem Romanam Marius reficere contenderet, quam Marius eiusdem artis auctor stirpisque ac nominis solidarisset. 12 Hoc iugulato post biduum Victorinus deligitur, belli scientia Postumo par, verum libidine praecipiti; qua cobibita in exordio post biennii imperium constupratis vi plerisque, ubi Attitiani coniugem concupivit facinusque ab ea viro patefactum est, accensis furtim militibus per seditionem Agrippinae occiditur. 13 Tantum actuariorum, quorum loco Attitianus habebatur, in exercitu factiones vigent, ut arduum petentibus malitia patraretur: genus hominum, praesertim hac tempestate, nequam venale callidum seditiosum habendi cupidum atque ad patrandas fraudes velandasque quasi ab natura factum, annonae dominans eoque utilia curantibus et fortunis aratorum infestum, prudens in tempore his largiendi, quorum vecordia damnoque opes contraxerit. 14 Interim Victoria amisso Victorino filio, legionibus grandi pecunia comprobantibus Tetricum imperatorem facit, qui familia nobili praesidatu Aquitanos tuebatur, filioque eius Tetrico Caesarea insignia impartuntur. 15 At Romae Gallienus pacata omnia ignaris publici mali improbe suadebat, crebro etiam, uti rebus ex voluntate gestis solet, ludos ac festa triumphorum, quo promptius simulata confirmarentur, exercens. 16 Sed postquam periculum propinquabat, tandem urbe egreditur. 17 Namque Aureolus, cum per Raetias legionibus praeesset, excitus, uti mos est, socordia tam ignavi ducis sumpto imperio Romam contendebat. 18 Eum Gallienus apud pontem, cui ex eo Aureoli nomen est, fustum acie Mediolanum coegit. 19 Quam urbem dum machinationibus omnis generis oppugnat, ab suis interiit. 20 Quippe Aureolus, ubi solvendi obsidii spem inanem videt, ducum Gallieni tribunorumque nomina quasi destinata ab eo ad necem astu composuit litterasque e muro, quam occultissime potuit, abiecit; quae forte a memoratis repertae metum suspicionemque iniecere mandati exitii, verum eas effluxisse incuria ministrorum. 21 Qua causa Aureliani consilio, cuius gratia in exercitu atque bonos praestabant, simulata prurptione hostium nullis, uti re trepida ac repentina solet, tectum stipatoribus tabernaculo educunt nocte intempesta; tequo traicitur, cuiusnam per tenebras incertum. 22 Ita auctoris necis errore an quia bono publico acciderat, inulta caedes fuit. 23 Quamquam eo prolapsi mores sunt, uti suo quam reipublicae magisque potentiae quam gloriae studio plures agant.

24 *Hinc quoque rerum vis ac nominum corrupta, dum plerumque potior flagitio, ubi armis superaverit, tyrannidem amotam vocat damno publico oppressos.* 25 *Quin etiam aliquanti pari libidine in caelestium numerum referuntur aegre exsequiis digni.* 26 *Quis ni fides gestarum rerum obstitisset, quae neque honestos praemiis memoriae frustrari sinit neque improbis aeternam illustremque famam procedere, nequiquam peteretur virtus, cum verum illud atque unicum decus pessimo cuique gratia tribueretur demptum impie bonis.* 27 *Denique Gallienum subacti a Claudio patres, quod eius arbitrio imperium cepisset, Divum dixere.* 28 *Nam cum profluvio sanguinis vulnere tam gravi mortem sibi adesse intelligeret, insignia imperii ad Claudium destinaverat honore tribunatus Ticini retinentem praesidiariam manum.* 29 *Quod sane extortum, cum neque Gallieni flagitia, dum urbes erunt, occultari queant, et, quisque pessimus erit, par similisque semper ipsi habebitur.* 30 *Adeo principes atque optimi mortalium vitae decore quam quaesitis nominibus atque compositis, quantum coniciatur, caelum adeunt seu fama hominum dei celebrantur modo.* 31 *At senatus comperto tali exitio satellites propinquosque per scalas Gemonias praeceps agendos decrevit, patronoque fisci in curiam perduci effossos oculos pependisse satis constat, cum irruens vulgus pari clamore Terram matrem, deos quoque inferos precaretur, sedes impias uti Gallieno darent.* 32 *Ac ni Claudius confestim recepta Mediolani urbe tamquam postulato exercitus parcendum, qui forte eorum supererant, praecepisset, nobilitas plebesque atrocius grassarentur.* 33 *Et patres quidem praeter commune Romani malum orbis stimulabat proprii ordinis contumelia,* 34 *quia primus ipse metu socordiae suae, ne imperium ad optimos nobilium transferretur, senatum militia vetuit et adire exercitum.* 35 *Huic novem annorum potentia fuit.*

AUR. VICT. 33 – TRADUÇÃO

Por volta da mesma época,⁸ Licínio Galieno, como rechaçasse vigorosamente os germanos da Gália, com pressa acudiu ao Ilírico. 2 Lá, em Múrsia ele derrotou Ingênuo, a cargo do governo da Panônia, a quem o desejo de reinar penetrara quando revelado o desastre sofrido por Valeriano, e logo depois derrotou Regaliano, que reestabelecera a guerra, tendo recolhido os soldados sobreviventes do colapso que ocorrera em Múrsia. 3 Depois desses êxitos, que iam para além de seus anseios, bastante descuidado, à maneira dos homens em circunstâncias favoráveis, ele entregou, por assim dizer, o mundo romano à ruína, ao lado de seu filho Salonino, a quem conferira a dignidade de César, a ponto de que os godos, marchando livremente pela Trácia, capturassem a Macedônia, a Acaia e as áreas limítrofes da Ásia; os partos,⁹ a Mesopotâmia e de que bandidos, ou antes, uma mulher, dominassem o Oriente;¹⁰ uma quantidade de alamanos tomou, igualmente, a Itália, enquanto as tribos

⁸ Ou seja, à época da morte do pai de Galieno, o imperador Valeriano, ocorrida em 260 e relatada por Aurélio Vítor em passagem anterior da narrativa (cf. Aur. Vict. 32.5).

⁹ Leia-se os persas.

¹⁰ A “mulher” assinalada por Aurélio Vítor corresponde a Zenóbia, que esteve à frente do chamado “Reino de Palmira” (260-273).

dos francos, uma vez saqueada a Gália, se apoderassem da Hispânia, e a cidade dos tarraconenses só não foi devastada e pilhada por inteiro porque, tendo oportunamente encontrado navios, uma parcela dos francos atravessou rumo a África; e foram perdidas as regiões para além do Danúbio, as quais Trajano havia obtido.¹¹ 4 Deste modo, como se o vento soprasse de todos os lados, por todo o mundo se misturavam os mais humildes com os mais distintos, os inferiores com os superiores. 5 E, ao mesmo tempo, grassava em Roma uma peste, que amiúde sobrevém em tempos de graves inquietudes e desespero dos espíritos. 6 Neste ensejo, ele próprio, comparecendo a tavernas e bordéis, estabelecia laços de amizade com cafetões e bêbados, entregue à sua esposa Salonina e também ao infame amor por uma filha de Átalo, rei dos germanos, denominada Pipa; 7 por causa disso, inclusive, eclodiram guerras civis de longe mais sangrentas. 8 Pois o primeiro dentre todos que tinham se apossado do poder imperial havia sido Póstumo, que por acaso defendia a Gália diante dos bárbaros; e, tendo expulsado uma multidão de germanos, foi ele recepcionado por uma guerra levada a cabo por Leliano, o qual foi posto a correr de forma não menos afortunada. Mas Póstumo faleceu em um levante promovido por seus próprios homens, visto que rejeitasse, a despeito das insistentes solicitações, os saques contra os habitantes de Mogúncia, que haviam ajudado Leliano. 9 Portanto, morto este, Mário, outrora um ferreiro que nem mesmo à época era conhecido o suficiente no exército, toma o poder. 10 Por conseguinte, todas as coisas caíram ao extremo, de modo que, para homens deste tipo, o poder imperial e a honra de todas as virtudes eram objeto de zombaria. 11 Daí, enfim, que se tivesse dito de brincadeira que não pareceria de modo algum assombroso se um Mário se esforçasse por reparar o mundo romano que outro Mário, de mesma profissão e fundador da linhagem e do nome, consolidara.¹² 12 Cortada a garganta daquele, dois dias depois foi escolhido Vitorino, igual a Póstumo no que dizia respeito ao conhecimento da guerra, mas, no entanto, propenso à libidinagem; de início, tal condição foi reprimida, porém, após dois anos no poder imperial e muitas mulheres violentadas, quando cobiçou a esposa de Aticiano e tendo ela exposto tal ultraje a seu marido, os soldados foram, às escondidas, incitados à revolta e ele foi assassinado em Colônia Agripina. 13 São tão vigorosas, dentro do exército, as facções dos oficiais

¹¹ Ao tempo de Galieno, houve uma remoção parcial das tropas romanas estacionadas na Dácia, constantemente invadida pelos godos. Porém, foi ao tempo de Aureliano (270-275) que se deu a evacuação total das legiões e de grande parte da população romana situada ao norte do Danúbio. Ao atribuir a “perda” da Dácia a Galieno, Aurélio Vítor reforçava ainda mais a perspectiva que fazia do imperador um “mau governante”.

¹² A analogia estabelecida entre o obscuro usurpador “gálico” Mário e Caio Mário, cônsul e destacado líder militar da era tardo-republicana, conferia certa ironia ao texto. O nome do presumido usurpador teria sugerido a Aurélio Vítor a insólita noção de que o Caio Mário dos tempos da República havia exercido o ofício de ferreiro e, pois, poderia ser considerado um modelo a ser imitado. Sendo assim, o fundamento dessa anedota residiria nos sentidos conotativo e denotativo que podem ser atribuídos aos verbos *reficere* (“reparar”, “consertar”) e *solidare* (“consolidar”) (Shackleton Bailey, 1981, p. 179).

encarregados da distribuição das provisões,¹³ posição na qual se encontrava Aticiano, que a má ação deste foi realizada, em que pese a dificuldade para se executá-la: se trata de homens, sobretudo nestes tempos, de um tipo inútil, venal, trapaceiro, pronto para a sedição, cúbido e também disposto a realizar e ocultar fraudes, quase como se fosse um fato da natureza; tal tipo controla o abastecimento de grãos e por isso ameaça aqueles que recolhem os bens cultivados¹⁴ e a prosperidade dos camponeses, perante os quais se mostra sagaz em subornar quando oportuno e dos quais retiraria os recursos de modo insensato e prejudicial. 14 Entrementes, Vitória, morto o seu filho Vitorino e ratificado o apoio das legiões mediante grande quantia de dinheiro, faz de Tétrico o imperador, ele que era de família nobre e protegia os aquitanos na condição de governador; ao filho dele, Tétrico, foram fornecidas as insígnias de César. 15 Em Roma, por outro lado, Galieno persuadia de maneira ímproba aqueles que não tinham ciência da calamidade pública de que tudo estava tranquilo, e também com frequência, como de costume em circunstâncias que se produzem de acordo com a vontade pessoal, foram organizados jogos e também celebrações de triunfos, como se confirmassem de modo manifesto aquilo que se tinha simulado. 16 Mas, depois que o perigo se avizinhava, partiu finalmente da cidade. 17 Com efeito, Auréolo, como estivesse à frente das legiões na Récia, atormentado, como de costume, com a indolência de um líder tão apático, procurava chegar a Roma depois de ter assumido o poder imperial. 18 Galieno, tendo-o desbaratado no campo de batalha, junto a uma ponte que é nomeada a partir de Auréolo, encurralou-o em Mediolano. 19 Enquanto sitiava a cidade com máquinas de todos os tipos, morreu vítima de seus próprios homens. 20 Pois Auréolo, quando percebeu que a esperança de romper o cerco era vã, com astúcia organizou uma carta contendo os nomes dos comandantes e tribunos de Galieno, como se tivessem sido por ele destinados à morte, e a lançou, da forma mais oculta possível, a partir das muralhas da cidade; tendo sido encontrada, por acaso, pelos indivíduos nela mencionados, inspirou o temor e a suspeita de que a morte deles havia sido encomendada, porém pensaram que a carta havia caído por negligência dos servidores de Galieno. 21 Por causa disso, seguindo o conselho de Aureliano, cuja influência e respeito estavam assegurados dentro do exército, foi simulada uma irrupção dos inimigos quando Galieno, como é usual em casos alarmantes e repentinos, não estava protegido por alguém de sua guarda pessoal, e fizeram-no sair de sua tenda no decorrer da noite; foi ele atravessado pela lança de um desconhecido, por causa da escuridão. 22 Assim, fosse devido à incerteza

¹³ Aurélio Vítor empregou o termo *actuarii*, referindo-se aos oficiais do exército romano que, no período imperial tardio, fiscalizavam a coleta das taxas em espécie realizada pelas cúrias locais, dentre outras tarefas.

¹⁴ O texto de Aurélio Vítor traz a rara expressão *utilia curantibus*, de difícil tradução. Willem den Boer (1972, p. 78) opta por falar em “intermediários”, isto é, os indivíduos responsáveis por distribuir para os consumidores finais os produtos (os *utilia*) decorrentes do trabalho dos agricultores. Já Harold W. Bird (1984, p. 48) argumenta que se tratava de uma forma de designar, no geral, os funcionários das cúrias locais que eram encarregados pelo recolhimento das taxas em espécie cobradas dos cidadãos e por encaminhar as mesmas para as chamadas *mansiones publicae*, ou “entrepostos” públicos, onde seriam armazenadas.

em relação ao autor do assassinato, fosse porque ocorrera pelo bem comum, a morte dele não foi vingada. 23 No entanto, estão os costumes degradados de tal modo que muitos agem antes em função de seu próprio interesse do que daquele da república e pelo poder ao invés da glória. 24 Daí que também a vitalidade das coisas e dos nomes tenha sido corrompida, pois, na maioria dos casos, aquele que detém mais poder por meio de um crime, quando vencedor por conta das armas, chama de supressão da tirania a opressão em detrimento do bem público. 25 Ademais, por uma depravação semelhante, entre os deuses são enumerados certos homens que dificilmente seriam dignos de ritos fúnebres. 26 Se contra isso não se erguesse a credibilidade da história, que não permite que as pessoas honestas sejam furtadas da recompensa de serem recordadas, tampouco que seja concedida fama ilustre e eterna aos ímprobos, em vão se buscaria a virtude, pois que esta verdadeira e única honra seria atribuída gratuitamente aos piores homens e subtraída de maneira ímpia aos bons. 27 Por fim, os senadores proclamaram Galieno divino, coagidos por Cláudio,¹⁵ porque este tomara o poder imperial por decisão daquele. 28 Pois, como Galieno percebesse que sua morte estivesse próxima, devido à perda de sangue ocasionada por tão grave ferimento, enviou as insígnias imperiais a Cláudio, o qual, com o cargo de tribuno, era o comandante de uma guarnição de reserva em Ticino. 29 Certamente, aquela honraria foi arrancada à força,¹⁶ dado que, enquanto houver cidades, os atos vergonhosos de Galieno não possam ser ocultados e cada um dos piores imperadores será sempre tido por parelho e similar a ele próprio. 30 De fato, até quanto se possa conjecturar, os imperadores e os melhores dos mortais vão aos céus graças à decência de sua vida do que em razão dos títulos perseguidos ou acumulados e, à maneira dos deuses, são celebrados devido à sua reputação entre os homens. 31 Por sua vez, o Senado, uma vez descoberta a morte dele, decretou que aqueles que o escoltavam e os que eram próximos a Galieno fossem precipitados das escadarias Gemônias, e é suficientemente aceito que um advogado do fisco foi conduzido à Cúria e teve os olhos extraídos como castigo, enquanto o povo que irrompera suplicasse, em uníssono clamor, à Mãe Terra e aos deuses infernais para que dessem assento a Galieno em meio aos ímpios.¹⁷ 32 E se Cláudio, tão logo recuperada a cidade de Mediolano, não tivesse ordenado, como exigido pelo exército, que se poupassem aqueles que por acaso sobreviviam, a nobreza e a plebe teriam investido com maior ferocidade. 33 Sem dúvida, aos senadores, além do mal-estar geral do mundo romano, os incitava o ultraje à sua própria ordem, 34 pois Galieno foi o primeiro que, por medo de sua própria indolência e de que o poder imperial passasse para as mãos dos nobres mais distintos, proibiu os senadores de seguir a carreira militar e servir ao exército. 35 O reinado dele foi de nove anos.¹⁸

¹⁵ O imperador Cláudio, o Gótico (ou Cláudio II), sucessor de Galieno. Reinou entre 268 e 270.

¹⁶ Referência à apoteose de Galieno.

¹⁷ Na passagem em questão, listam-se algumas ações associadas à punição dos “tiranos”, como a precipitação de condenados a partir do topo das escadarias Gemônias na cidade de Roma (vide, por exemplo, Suet. *Tib.* 75.1).

¹⁸ Aurélio Vítor, no caso, desconsiderou o período em que Galieno governou o Império ao lado de seu pai (253-259/260).

REFERÊNCIAS

- ANDO, C. Review of H. W. Bird, "Aurelius Victor, *De Caesaribus*". *Bryn Mawr Classical Review*, 1995. Disponível em: <<http://ccat.sas.upenn.edu/bmcr/1995/95.03.21.html>>. Acesso em 05/04/2016.
- ANTIQUÊIRA, M. Existiu um edito de Galieno? *Revista Eletrônica Antiguidade Clássica*, v. 7, n. 1, p. 121-139, 2011. Disponível em: <http://www.antiguidadeclassica.com/website/edicoes/setima_edicao/9.pdf> Acesso em 06/06/2016.
- BIRD, H. W. *Sextus Aurelius Victor. A historiographical study*. Liverpool: Francis Cairns, 1984.
- CHRISTOL, M. L'éloge de l'empereur Gallien, défenseur et protecteur de l'Empire. In: QUET, M.-H. (dir.). *La "crise" de l'Empire romain de Marc Aurèle à Constantin*. Paris: PUPS, 2006, p. 107-131.
- COSME, P. À propos de l'Édit de Gallien. In: HEKSTER, O.; DE KLEIJN, G.; SLOOTJES, D. (eds.). *Crises and the Roman empire*. Leiden; Boston: Brill, 2007, p. 97-109.
- DE BLOIS, L. *The policy of the emperor Gallienus*. Leiden: Brill, 1976.
- DE BLOIS, L. The crisis of the third century A.D. in the Roman Empire: a modern myth? In: DE BLOIS, Lukas; RICH, John. *The transformation of economic life under the Roman Empire*. Leiden: Brill, 2002, p. 204-217.
- DE BLOIS, L. The onset of the crisis in the first half of the third century A.D. In: JOHNE, K.-P.; GERHARDT, T.; HARTMANN, U. (Hg.). *Deleto paene imperio Romano. Transformationsprozesse des Römischen Reiches im 3. Jahrhundert und ihre Rezeption in der Neuzeit*. Stuttgart: Franz Steiner, 2006, p. 25-36.
- CARRIÉ, J.-M. La "crise" du III^e siècle. In: CARRIÉ, J.-M.; ROUSSELLE, A. *L'Empire romain en mutation. Des Sévères à Constantin, 192-337*. Paris: Éditions du Seuil, 1999, p. 89-144.
- D'ELIA, S. *Studi sulla tradizione manoscritta di Aurelio Vittore*. Napoli: Libreria Scientifica, 1965.
- DEN BOER, W. *Some minor Roman historians*. Leiden: Brill, 1972.
- LE BOHEC, Y. *The imperial Roman army*. New York; London: Hippocrene Books; B. T. Batsford, 1994.
- MENDES, N. M. O sistema político do Principado. In: MENDES, N. M.; SILVA, G. V. da (org.). *Repensando o Império romano. Perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Vitória; Rio de Janeiro: EDUFES; Mauad X, 2006, p. 21-51.
- ROMAN, Y. *Empereurs et sénateurs. Une histoire politique de l'Empire romain*. Paris: Arthème Fayard, 2001.
- SEXTUS AURELIUS VICTOR. *Liber de Caesaribus, praecedunt Origo gentis Romanae et Liber de viris illustribus vrbis Romae, subsequitur Epitome de Caesaribus*. Ed. Fr. Pichlmayr et R. Grvndel. Lipsiae: Tevbnieri, 1966. (Bibliotheca scriptorum Graecorum et Romanorum Tevbnieriana).

SHACKLETON BAILEY, D. R. Textual notes on lesser Latin historians. *Harvard Studies in Classical Philology*, Cambridge, MA, v. 85, p. 155-184, 1981.

SOUTHERN, P. *The Roman empire from Severus to Constantine*. London; New York: Routledge, 2001.

SUETONIUS. With an English translation by J.C. Rolfe. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: Heinemann, v. 1, 1979. (Loeb Classical Library).

VAN HAEPEREN, F. L'impicité, une caractéristique des "mauvais" empereurs. *Mythos*. Rivista di Storia delle Religioni, n. 2 (n.s.), p. 147-158, 2008.

WINTERLING, A. Loucura imperial na Roma antiga. *História (São Paulo)*, v. 31, n. 1, p. 4-26, jan./jun. 2012.

Recebido em: 7 de abril de 2016

Aprovado em: 14 de fevereiro de 2017